

68 - RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO FUTSAL PROFISSIONAL PIAUIENSE

WESLEY CARVALHO DA SILVA
MESAQUE SILVA CORREIA
Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina – Piauí – Brasil
wesley_carvalho10@hotmail.com

doi:10.16887/90.a1.68

INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado é fruto das pesquisas e reflexões suscitadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Educação Física Escolar – GEPEEFE/UFPI/CNPq. Seu objetivo principal é conhecer a história de vida de um jogador do futsal profissional piauiense e as estratégias de enfrentamento para sobreviver em meio a ações de racismo, preconceito e discriminação. Orientados pelos procedimentos teóricos e metodológicos da História Oral de Vida, realizamos, gravamos e transformamos o registro oral em escrito, com o fim de produzir, analisar e relacionar as narrativas entre si e no cotejamento com outras fontes.

No decorrer do processo de produção de dados o participante do estudo foi estimulado a falar sobre suas histórias e memórias no futsal piauiense, assim como sobre experiências, pensamentos e sentimentos pessoais. Afinal, é nisto que consiste a riqueza da História Oral de Vida.

De acordo com Soares (2000) a relevância do futebol para a sociedade brasileira e para o imaginário nacional perpassa os aspectos esportivos e culturais. Elucida o autor, que mesmo tendo passado por diversas e significativas transformações, o futebol ainda se mantém como um dos vértices para se pensar conceitos cada vez mais fluidos em franca era de globalização, como “nação”, “identidade” e “raça”. Embora, este último, pouco ou nada traduza a diversidade étnica de uma sociedade como a brasileira, e ainda traz consigo um raço de épocas em que vigoravam teorias eugênicas e racialistas pseudo-científicas das primeiras décadas do século XX.

Isso significa dizer, que apesar de vivermos em uma das sociedades mais miscigenadas do mundo, o racismo ainda é um problema corriqueiro em quase todo o território brasileiro (GOULART ET AL, 2019). Entrementes, ao estudarmos a questão do racismo, nos deparamos com o excesso de normalidade com o qual as práticas racistas são enfrentadas no nosso dia a dia, em que se naturaliza a utilização de expressões altamente racistas como: “Negão”, “Ecurinho”, “Pretinho”, “É preto? É coisa de preto!”, dentre outras mais, para nos referirmos a pessoas de pele negra sem ao menos procurarmos saber se as expressões estão agredindo moralmente os indivíduos, o que é estarrecedor.

Outro aspecto que merece ser referendado, e que reflete muito o agravamento do primeiro, é a deficiência na aplicação da legislação existente com o intuito de coibir e punir os praticantes das infrações, tanto de racismo como de injúria preconceituosa. A falta de punição daqueles que, conscientemente, utilizam-se de expressões racistas para constranger as pessoas de pele negra ou segregarem de um ambiente ou função por motivos raciais e étnicos, gera no consciente social a ideia de indiferença do judiciário quanto a tais atitudes e, por consequência, a prática acaba por “cair na normalidade” (GUTERMAN, 2009).

Para o antropólogo Kabengele Munanga (2004), é preciso reconhecer o racismo como estratégia de luta contra o racismo. Não há atenuante para as reações de racismo sofridas pelos jogadores Tinga, Daniel Alves, Aranha, Dentinho e Taison, porque elas falam por muitos, muitos que em público discursam o politicamente correto, mas nos bastidores de suas vidas perpetuam visões preconceituosas contra negros e negras.

Tais situações racistas nos levam aos seguintes questionamentos: Assim como os jogadores do futebol profissional os jogadores do futsal profissional são vítimas de ações racistas na quadra? Se forem, porque tais ações não ganham visibilidade midiática e não são denunciadas? Existe rede de apoio a vítimas de racismo?

Portanto, conhecer a história de vida de um jogador negro do futsal profissional piauiense e as estratégias de enfrentamento para sobreviver em meio a ações de racismo, preconceito e discriminação é tencionar abordar um assunto que já é notório, mas para qual não é oferecida a devida atenção, que são as relações preconceituosas no contexto futebolístico, em especial no nordeste do Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se a História Oral de Vida como metodologia. Essa consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de identidade, mas também de toda a memória de uma cultura (BOSI, 2003).

Fez parte do estudo um jogador pertencente ao futsal profissional piauiense. Foram trabalhados os seguintes eixos temáticos: História de vida e o futsal; O ser negro no mundo do futsal; Estratégias de enfrentamento para sobreviver em meio a ações de racismo, preconceito e discriminação; Lições de vida.

A entrevista foi submetida à transcrição, processo em que é transformada num relato literário em primeira pessoa, conferidas e aprovadas pelo entrevistado. Para o registro das reações, considerações e avaliação do processo utilizou-se o recurso do caderno de campo.

Destacamos que foi acordado com o participante do estudo a garantia do anonimato e a privacidade das informações obtidas em decorrência das entrevistas cedidas, atendendo aos princípios éticos que regem o estudo científico com seres humanos, instituídos pela Resolução (CNS nº 466 de 2012), que ressalta que o respeito à dignidade humana requer que toda pesquisa se estruture após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Entretanto, por opção do entrevistado, sua identidade será declarada, pois Hélio Abreu parte do princípio de que falar abertamente sobre o racismo é um ato político e uma forma de resistência e existência.

As narrativas foram analisadas à luz da literatura científica.

A HISTÓRIA DE HÉLIO ABREU – o nequinho

Hélio Abreu nasceu na capital piauiense no dia 08 setembro de 1989. Filho do senhor Domingos Silva Santos e de dona Maria Helena de Abreu Barcelar Santos, teve uma infância recheada de afeto, diálogo e proteção. Seu Domingos, com o ensino fundamental menor incompleto, exerceu a profissão de caminhoneiro. Dona Maria Helena, formou em Pedagogia, mas atua como vendedora de cosméticos.

Hélio passou sua infância morando no Bairro Buenos Aires, zona norte da cidade de Teresina. Entretanto, com o crescimento urbano e o aumento da violência, seus pais decidiram mudar-se para o bairro Parque Mão Santa, localizado na periferia da zona leste da cidade.

Hélio afirma que seu pai foi o seu grande incentivador, foi ele quem lhe apresentou o futebol e posteriormente o futsal e lhe acompanhava sempre que podia nos treinamentos. Afirma:

Meu pai sempre me deu muita força, sempre acreditou em mim. Mas infelizmente ele se foi muito cedo. Ele e minha mãe sempre foram muito unidos, mas minha mãe nunca foi adepta da ideia de ter um filho jogador. Assim como não aceitava ter um filho associado à política de esquerda e uma filha bailarina. Minha mãe é uma mulher muito energética, sempre preferiu que seus filhos constituíssem suas famílias e seguissem uma profissão tradicional como professor ou advogado (HÉLIO ABREU, 2019).

Hélio afirma que mesmo com a não aceitação de sua mãe, ela nunca deixou de acreditar em seus sonhos, nunca lhe impediu de prosseguir seus objetivos ou apoiar suas decisões.

Ao falar da entrada do futebol em sua vida, afirma que começou jogando na rua de sua casa e logo passou a frequentar uma escolinha de futsal seu bairro. Elucidou:

Como toda criança comecei a jogar na frente de casa, com os vizinhos, primos. Aos 6 anos de idade já estava em uma escolinha de futsal, do bairro Buenos Aires (HÉLIO ABREU, 2019).

Na esteira do pensamento de Giglio, Morato e Almeida (2008), a ação de aprender a jogar futebol ou futsal no Brasil sempre esteve relacionada ao significado cultural de sua prática. Desde a infância os brasileiros são influenciados por esse significado. Recebem bolas e uniformes dos clubes preferidos dos pais ou parentes. Torcem por determinados times. Assistem aos jogos pela televisão ou nos estádios, são incentivados a praticar o esporte. Jogam em quadras, na praia, na rua, em terrenos baldios ou em qualquer lugar onde se possa rolar um objeto esférico. Inventam brincadeiras com a bola nos pés. Fazem do verbo “jogar bola” uma identificação praticamente exclusiva do jogar futebol, salvo raríssimas exceções.

Assim, a entrada de Hélio no futsal não se diferencia da entrada de milhões de brasileiros que iniciam o processo muito cedo. Ainda crianças ou na adolescência já estão treinando diariamente, investindo tempo e dinheiro, fora o fato de deixar de viver com intensidade os eventos destinados a sua faixa etária. No estudo de Ribeiro (2010), encontramos que, enquanto jovens com idade entre 17 a 18 estão pensando no vestibular, para o aspirante a jogador esta faixa de 17 a 18 anos é o limite para se tornar profissional ou não. Fora a tensão e pressão familiar, dos amigos, empresários, de todos que os cercam. Se tudo der certo, e o aspirante se tornar profissional, lutará para estar entre os apenas 20% que recebem mais que 2 salários mínimos, e torcerá fortemente para não se lesionar gravemente, precipitando um término melancólico de carreira. Ainda correrá risco de jogar em clube que não paga o salário em dia, algo corriqueiro nesta área. Se também passar ileso por isso, ainda terá que se concentrar bastante, deixando a família, filhos, esposa, para ficar enfurnado com o time por longos períodos.

Com sorriso nos lábios nos diz enfaticamente que depois que o futsal entrou na sua vida, nunca mais deixou de jogar e que a entrada no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI lhe abriu novas possibilidades. Enfatiza:

Entrar no IFPI foi como descobrir um mundo novo, lá eu tive a oportunidade de jogar e representar o Estado fora. Imagina, um moleque negro da periferia de Teresina viajando para representar o Estado? Sonho mano (HÉLIO ABREU, 2019).

O depoimento de Hélio nos faz refletir com relação o quanto à instituição escolar precisa compreender seus alunos como seres sociais que necessitam estabelecer relações interpessoais. Fundamentado nisso Pimentel (2017), diz que é por meio dessas relações interpessoais que nasce a motivação. Que funciona como gatilho que estimula o interesse que subsequente conduz a concentração e a atenção. E, por último nasce o gostar pelo esporte, e isso se dá também por causa da sociabilidade que o esporte tem a oferecer e nisso inclui a roda de amigos e as inúmeras possibilidades de construir novas amizades e vislumbrar outras possibilidades que ultrapassam o muro da escola.

Para Avelar (2015) partem do princípio de que a educação esportiva é inclusiva porque busca trabalhar as diversidades, e as desigualdades sociais. Nesse sentido, o papel do professor de Educação Física aparece como um agente transformador da realidade.

Hélio afirma que mesmo diante de algumas dificuldades em nenhum momento de sua vida pensou em abandonar o futsal. Afirma ainda que o futsal nunca lhe impediu de realizar outras atividades e obrigações como trabalho e estudos.

O futsal na minha vida sempre esteve atrelado aos meus estudos. Eu sempre tava estudando treinando, viajando. Depois que concluir o ensino médio, comecei a trabalhar em uma indústria, na verdade eu fui contratado por conta do futsal, nessa altura do campeonato eu já era campeão piauiense, o que me deu visibilidade e acesso ao mercado de trabalho (HÉLIO ABREU, 2019).

Chelladurai (2009) postula que a prática esportiva deve ser pensada como uma prática corporal organizada, que requer também uma gestão esportiva seja dentro de clubes, academias, equipes esportivas profissionais, instituições educativas, escolas de esporte, entidades de administração do esporte, federações, confederações, ligas etc. já que o esporte enquanto prática institucionalizada possui um caráter normativo e prescritivo, exigindo uma série de responsabilidades e direitos que devem partir por parte de todos que o praticam. Nesse sentido a escola enquanto instituição social que é deve fazer valer essas responsabilidades e direitos para tornar a educação muito mais abrangente, onde haja espaço para a reflexão sobre a cultura, direito e cidadania. Elementos esses que são indispensáveis para consolidar a educação para o exercício da cidadania.

A história de vida de Hélio sugere a necessidade que a escola e esporte estejam unidos em um mesmo contexto educacional como confirma um fragmento dos Parâmetros Nacionais de Infraestrutura para as instituições educativas, o qual segue abaixo na íntegra:

[...] construir o ambiente físico destinado à prática esportiva, promotora de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação [...]”. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para todos [...] (BRASIL, 2006, p.10).

Nesse sentido confirma-se que a escola é realmente esse espaço de viagem para descobertas e novas construções de conhecimentos e agregando as práticas esportivas isso só vem a enriquecer cada vez mais o processo educativo e indissociando da vida do aluno.

Entretanto, mesmo diante de sua trajetória de glória e medalhas no futsal, Hélio afirma que por conta de sua cor já passou por diversas situações de racismo, discriminação e exclusão:

Já passei por algumas situações de preconceito racial em vários lugares, no treino, no dia a dia, dentro do ônibus, na Universidade, no jogo. Eu sinto às vezes que até a arbitragem oferece tratamento diferenciado para os jogadores brancos e negros. Meu apelido NEGUINHO é uma forma clara de preconceito. Já observei que todos os jogadores de pele negra, recebem um tipo de apelido, por mais que eles tenham um nome, um nome que carrega sua identidade, para mim o nome é uma coisa importante pra o indivíduo, foi ele que sua família lhe deu, cada nome tem uma história, mas a força do preconceito lhe rouba sua própria identidade, e a você é atribuído diversos adjetivos como neguinho, negrito, negão. Fico incomodado ao ser chamado de neguinho, não que eu não seja preto, é porque o neguinho na maioria das vezes vem carregado de preconceito, menosprezo (HÉLIO ABREU, 2019).

No momento que paramos para analisar o depoimento de Hélio, passamos a observar que fica complicado encontrar igualdade diante de tratamentos tão desiguais. O tratamento dispensado pela arbitragem mostra-se incompatível com a filosofia futebolística, tendo em vista que a filosofia do esporte se assenta na união de povos por meio de sua prática. Contrariando práticas sexistas pautadas em tratamentos diferenciados com base na origem ética.

Por outro lado, quando analisamos as teorias sociológicas dedicadas a explicar como o racismo opera sobre os sujeitos, encontramos em Campos (2017), que o racismo é um fenômeno enraizado em ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideias que atribuem uma inferioridade natural a determinados grupos com origens ou marcas adstritas específicas. Por essa razão, ações racistas podem ser caracterizadas como práticas que decorrem de concepções ideológicas do que é raça, e ao mesmo tempo de um processo de etnocentrismo que pauta-se na existência de uma raça superior e outra inferior, sendo que a raça negra sempre será compreendida como raça subalternizada. Por outro lado, no seio da sociedade atual, o racismo tem assumido características mais sistêmicas, institucionais e estruturais.

Hélio diz que o apelido neguinho lhe foi dado por um colega da escola. Relata:

Comecei a ser chamado de neguinho dentro da escola, do colégio passou para o esporte, assim meus companheiros de time adotaram o apelido. Para eles é brincadeira, para mim, o apelido é a tradução mais fiel do racismo tanto no esporte, como fora dele (HÉLIO ABREU, 2019).

A discriminação pautada na linha da dor é observável tanto na forma de tratamento destinada ao negro, como nos rituais racista presente nos distintos espaços sociais. Como bem lembrado por Hasenbalg (2005), racismo não pode ser compreendido como brincadeira, racismo é crime! Que quase sempre chega pela via da brincadeira para justificar pensamentos e comportamentos racistas.

Com o tom de revolta, Hélio nos diz que na taça Brasil, campeonato realizado no Estado de Sergipe no ano de 2010, no meio do jogo um jogador do time adversário lhe chamou de macaco. Afirma que apesar de ter recebido apoio de seus colegas de equipe preferiu não denunciar a ação racista.

Não, não registrei, na maioria dos casos a galera quer passar o pano - esconder, para não manchar a competição, não manchar quem ta patrocinando, pois isso ai vai levar pra outra discussão que não é de interesse deles. [...] Essa situação me deixa indignado, mas eu não me abato, porque eu fiz minha cabeça muito forte pra isso, desde cedo fui trabalhando isso, meu pai sempre me alertou com relação à maldade humana, me disse que pessoas como eu são tratadas de forma preconceituosa na escola, na universidade, no trabalho, na vida (HÉLIO ABREU, 2019).

No depoimento de Hélio fica claro que além de sofrer ações racistas no decorrer da realização de sua ação profissional, fica impedido de denunciar tais atos em virtudes de possíveis sanções. O que comprova, que no mundo futebolístico não existe uma rede de apoio a vítimas de racismo. Para Galeão-Silva (2007), as campanhas da FIFA e CBF contra o racismo são inócuas. Entidades coniventes e igualmente racistas. De acordo com o autor, só haverá mudança quando a resposta afetar a engrenagem financeira do futebol. Isso implica em boicote de todos os jogadores, com o devido respaldo de torcedores e imprensa, sempre que um companheiro for vítima de injúrias raciais ao exercer a profissão.

Entretanto, nos lembra Campos (2017), que tal desejo ainda se constitui em uma miragem, isso porque, quase sempre quando um jogador que denuncia o racismo, ele sofre violência em dobro. Mesmo que no mundo futebolístico as ações de colegas e dirigentes sejam complacentes para com seu sofrimento, após a denuncia vão questionar seu relato, a necessidade da denuncia, sua postura no campo, sua palavra. Como encontramos no próprio relato de Hélio: “na maioria dos casos a galera quer passar o pano - esconder, para não manchar a competição, não manchar quem ta patrocinando, pois isso ai vai levar pra outra discussão que não é de interesse deles”. Logo, nos casos de racismo no futebol e futsal, a decisão de denunciar o agressor é sempre mais difícil. A vítima ao denunciar estará “manchando” a competição, e conseqüentemente a sua imagem, poderá perder patrocinadores, ou até mesmo o seu próprio contrato com o time (CAMPOS, 2017).

Hélio afirma que o preconceito sempre lhe acompanhou. Às vezes não se sente participante do grupo do futsal, não se enquadra nas rodas de conversas, sempre é a última opção. Descreve:

Sou vítima quase que diariamente do preconceito velado, estou no grupo, mas às vezes sou invisibilizado pelos colegas. [...], estou, mas eu sei que não sou bem vindo, não participo das mesmas rodas da galera, eu não tenho aquele contato real diário, não sou a primeira opção pra certas coisas (HÉLIO ABREU, 2019).

Estudo desenvolvido por Pérez e Dasi (1996), investigou essa forma racismo, frequentemente chamada de racismo sutil. De acordo com os autores, o discurso social da tolerância, juntamente com várias ações no mundo interior, nessa direção, inibe a manifestação aberta do racismo. Porém a conscientização das más consequência não é suficiente para acabar com ele. Isto porque, com essa manifestação sutil, o preconceito é justificado, mas não admitido como tal. Assim, a nova “faceta” do

racismo se caracteriza por não ser direta e por não estar relacionada claramente com o conceito de raça, mas se camufla entre as palavras da comunicação verbal e no emaranhado das práticas racistas simbólicas abstratas.

Galeão-Silva (2007) é enfático na afirmação de que o preconceito sutil mantém íntima relação com o conformismo. Aponta ele, que, que o indivíduo, por meio do preconceito sutil, se submete às normas sociais, estabelecendo com elas uma relação de conformismo e submissão.

Prosegue Hélio:

Posso citar como exemplo um jogo que participei em uma cidade com o nome até meio sugestivo chamado JARDIM DO MULATO, primeira vez que eu fui jogar lá, o povo não era acostumada ver outras pessoas de fora indo jogar, jogador de futsal da capital, neste jogo demos uma goleada no time local que tava acostumado a ganhar. Time este que para os moradores era o melhor, o imbatível. Mas só que nosso time era muito mais bem treinado, time muito mais estrada e preparo. Resultado: aplicamos uma goleada, e a torcida no meio do jogo usou como estratégia a provocação, lembro-me que fui pegar a bola perto de um torcedor e eu vi o cara assim. Um adolescente, eu fui pegar a bola e ele me xingou: Seu macaco! Nego macaco! Mas eu só peguei a bola e olhei pra ele e falei: Rapaz! Tu é louco? Voltei para o jogo, mas também esse foi o único caso que aconteceu lá, esse cara não sei de onde era e o porquê ele está fazendo aquilo [...] (HÉLIO ABREU, 2019).

O caso relatado por Hélio podemos observar que uma nova faceta do racismo – o racismo flagrante, já que, as ações racistas foram identificadas no momento de sua manifestação por Hélio. Ruedas e Navas (1996), afirmam que o racismo flagrante se caracteriza como expressões diretas de rejeição a etnia negra. Ressalta o autor, que o racismo flagrante é oriundo dos sentimentos de rejeição, ameaça e anti-intimidade.

Portanto, a partir do depoimento de Hélio com relação as ações racistas que sofre nos diversos espaços sociais e da análise de tais ações, podemos inferir que o racismo flagrado é quente, fechado e direto. Já o racismo sutil é frio, distante e indireto.

Hélio com um discurso sempre resiliente afirma que sempre busca tirar lições de ações racistas e preconceituosas. Levanta a cabeça e afirma:

Tento tirar lição disso tudo, ficar mais forte e autoconfiante, eu sou muito autoconfiante, por esse motivo, essas coisas, não só no esporte, mas no meu convívio social não me abalam. Tenho uma formação política, não sou um completo alienado sem saber o que passa no Brasil no mundo não, eu sei o que tá acontecendo (HÉLIO ABREU, 2019).

Mesmo diante de uma fala com traços de resiliência, não podemos acreditar que o processo de superação de ações racistas seja garantido mediante ações individuais, principalmente da vítima. Como bem pontua Sansone (2007), o foco no esforço do negro nega a existência como problema social. O racismo passa a existir como uma questão de falta de aceitação e esforço do próprio negro. A vítima passa a ser o culpado.

Portanto, estamos diante de um problema global que faz parte do mundo futebolístico, independente da região brasileira ou parte do mundo que se pratique. Problema que clama por medidas educativas, jurídicas e políticas públicas para conscientizar os diversos atores sociais com relação ao problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo com o objetivo de conhecer a história de vida de Hélio Abreu, jogador do futsal profissional piauiense e as estratégias de enfrentamento para sobreviver em meio a ações de racismo, preconceito e discriminação. Para desenvolvimento do estudo, utilizamos os pressupostos metodológicos da História Oral de Vida.

Pela história de vida de Hélio Abreu, é possível afirmar que assim como no futebol profissional o futsal profissional é um solo permeado de ações racistas. Que para garantir a boa imagem das competições, tais ações não são denunciadas, e que infelizmente não existe uma rede de solidariedade as vítimas de ações racistas, ao contrário, o que existe é opressão da vítima e impunidade das injúrias raciais.

Mediante os dados produzidos, podemos elucidar que a temática do racismo no futsal se constitui em um assunto tão delicado quanto polêmico, tão propositalmente esquecido quanto escancarado cotidianamente. A existência de preconceito e discriminação étnico, no futsal, confere ao jogador negro a incerteza de ser aceito por partes dos dirigentes, colegas e patrocinadores. Essa percepção, compete ao jogador negro à vergonha de ser quem é, pois isso lhe confere a participar de um grupo inferiorizado dentro do próprio clube, o que pode minar sua identidade.

Diante do emaranhado de problemas subjacentes às relações étnicas, cabe a toda a sociedade – pensar e lutar por práticas que objetivem a inclusão positiva do aluno negro no mundo futebolístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AVELAR, A. C. A motivação do aluno no contexto escolar. Anuário de produções acadêmico-- científicas dos discentes da Faculdade Araguaia. v. 3, p. 71-90, 2015.
- BOSI E. O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil. Brasília, MEC / Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparinfestencarte.pdf>. Acesso em 26/10/2019.
- CAMPOS, A. C. RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES: uma abordagem realista-crítica. RBSC. V 32. n 95/2017.
- CHELLADURAI, P. Managing organizations for sport and physical activity: a systems perspective. Scottsdale: Holcomb Hathaway, 2001. 3. ed. Scottsdale: Holcomb Hathaway, v.1, p.7-21, 2009.
- GALEÃO-SILVA, L. G. ADESÃO AO FASCISMO E PRECONCEITO CONTRA NEGROS: um estudo com universitários na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- GOULART, V. R.; SILVA, W. R.; MEDEIROS, T. E.; CARDOSO, F. L. Atletas de diferentes modalidades esportivas com cor da pele preta têm menor autoestima independentemente de seu status de atleta. Pensar a Prática, Goiânia, 2019, v. 22: 51920.
- GREGÓRIO, F.; MELO, B. M. Preconceito racial no esporte nacional. Esporte e Sociedade, São Paulo, v. 10, n. 24, p. 1-31, mar. 2015.
- GUTERMAN, M. O FUTEBOL EXPLICA O BRASIL: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.
- HASENBALG, C. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. 2ª. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG: Rio de Janeiro: UPERJ, 2005.
- PÉREZ, J. A.; DASÍ, F. Nuevas formas de racismo. In: OLZA, F. M. M. (Org.). Psicología Social y trabajo social. Madrid:

McGraw-Hill, 1996 – p.2002-203.

PIMENTA, M. H. Racismo na pele.. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

RUEDA, T. U; NOVOS, P, T. Ações racistas no futsal. Anuário de produções acadêmico-- científicas dos discentes da Faculdade Fama. v. 1, p. 71-90, 1996.

SOARES, A. J. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. In: ALBARCES, P (Org.). Peligro de gol. Buenos Aires: CLACSO, abr. 2000.

ABSTRACT:

This study aimed to know the life history of a professional player of Piauiense futsal and coping strategies to survive through actions of racism, prejudice and discrimination. To develop the study, we used the methodological assumptions of the Oral History of Life. We find that even in the face of a career full of glory and medal, exclusion based on the pain line has accompanied Helio in the various social spaces: school, club and university. That black-skinned players receive differential treatment of refereeing. That even in the face of the identification of numerous racist actions, prefers to be silent so as not to tarnish the competition, the coach and consequently on punishments due to the complaint. We also identified that racial prejudice in futsal manifests itself in a subtle and blatant way. We conclude that the theme of racism in futsal is as delicate as it is controversial, as purposely forgotten as it is thrown open daily. The existence of prejudice and ethnic discrimination in futsal gives the black player the uncertainty of being accepted by the leaders, colleagues and sponsors. This perception, it is up to the black player to be ashamed to be who he is, as this allows him to participate in an inferior group within the club itself, which can undermine his identity.

KEYWORDS: Futsal - Racisms - Prejudice - Discrimination.

SOMMAIRE:

Cette étude visait à connaître l'histoire de la vie d'un joueur professionnel du futsal de Piauiense et des stratégies de survie permettant de survivre à travers des actes de racisme, de préjugés et de discrimination. Pour développer cette étude, nous avons utilisé les hypothèses méthodologiques de l'histoire orale de la vie. Nous constatons que même face à une carrière remplie de gloire et de médailles, l'exclusion basée sur la ligne de la douleur a accompagné Helio dans les différents espaces sociaux: école, club et université. Que les joueurs à la peau noire reçoivent un traitement différentiel de l'arbitrage. Cela même face à l'identification de nombreuses actions racistes, préfère rester silencieux afin de ne pas ternir la compétition, l'entraîneur et par conséquent les sanctions en raison de la plainte. Nous avons également constaté que les préjugés raciaux dans le futsal se manifestaient de manière subtile et flagrante. Nous concluons que le thème du racisme dans le futsal est aussi délicat que controversé, oublié à dessein qu'il est ouvert tous les jours. L'existence de préjugés et de discrimination ethnique dans le futsal donne au joueur noir l'incertitude d'être accepté par les dirigeants, les collègues et les sponsors. Cette perception incombe au joueur noir d'avoir honte d'être ce qu'il est, car cela lui donne la possibilité de faire partie d'un groupe inférieur au sein de son propre club, ce qui peut nuire à son identité.

MOTS-CLÉS: Futsal - Racismes - Préjugés - Discrimination.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo conocer la historia de vida de un jugador profesional de fútbol sala Piauiense y estrategias de supervivencia para sobrevivir a través de acciones de racismo, prejuicio y discriminación. Para desarrollar el estudio, utilizamos los supuestos metodológicos de la Historia oral de la vida. Encontramos que incluso frente a una carrera llena de gloria y medallas, la exclusión basada en la línea del dolor ha acompañado a Helio en los diversos espacios sociales: escuela, club y universidad. Que los jugadores de piel negra reciban un trato diferencial de arbitraje. Que incluso ante la identificación de numerosas acciones racistas, prefiere guardar silencio para no empañar la competencia, el entrenador y, en consecuencia, los castigos debido a la denuncia. También identificamos que el prejuicio racial en el fútbol sala se manifiesta de una manera sutil y descarada. Concluimos que el tema del racismo en el fútbol sala es tan delicado como controvertido, tan deliberadamente olvidado como abierto todos los días. La existencia de prejuicios y discriminación étnica en el fútbol sala le da al jugador negro la incertidumbre de ser aceptado por los líderes, colegas y patrocinadores. Esta percepción, depende del jugador negro avergonzarse de ser quien es, ya que le da la oportunidad de participar en un grupo inferior dentro de su propio club, lo que puede socavar su identidad.

PALABRAS CLAVE: Fútbol Sala - Racismos - Prejuicio - Discriminación.

RESUMO:

Este estudo teve como objetivo de conhecer a história de vida de um jogador do futsal profissional piauiense e as estratégias de enfrentamento para sobreviver em meio a ações de racismo, preconceito e discriminação. Para desenvolvimento do estudo, utilizamos os pressupostos metodológicos da História Oral de Vida. Encontramos, que mesmo diante de uma carreira recheada de glórias e medalhas, a exclusão pautada na linha da dor tem acompanhado Hélio nos diversos espaços sociais: escola, clube e universidade. Que jogadores de pele negra recebem tratamento diferenciado da arbitragem. Que mesmo diante da identificação de inúmeras ações racistas, prefere se silenciar para não manchar a competição, o treinador e consequentemente sobre punições em virtude da denúncia. Identificamos ainda que o preconceito racial no futsal se manifesta de forma sutil e flagrada. Concluimos que a temática do racismo no futsal se constitui em um assunto tão delicado quanto polêmico, tão propositalmente esquecido quanto escancarado cotidianamente. A existência de preconceito e discriminação étnico, no futsal, confere ao jogador negro a incerteza de ser aceito por partes dos dirigentes, colegas e patrocinadores. Essa percepção, compete ao jogador negro à vergonha de ser quem é, pois isso lhe confere a participar de um grupo inferiorizado dentro do próprio clube, o que pode minar sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futsal – Racismos – Preconceito – Discriminação.